

Proposta de diferenciação pedagógica do jogo “Desenvolvendo a Consciência Morfológica” para escolares com déficits linguísticos

Proposal for pedagogical differentiation of the game “Developing Morphological Awareness” for students with language deficits

Rafael Rossi de Sousa¹; Márcia Maria Peruzzi Elia da Mota²

DOI: 10.51207/2179-4057.20260023

Resumo

Este artigo propõe a diferenciação pedagógica do jogo “Desenvolvendo a Consciência Morfológica” para escolares com déficits linguísticos, visando promover o desenvolvimento da consciência morfológica, habilidade metalinguística essencial para a alfabetização e a ortografia. A partir de uma análise de conteúdo do material original e de uma revisão bibliográfica sobre consciência morfológica e déficits de linguagem, foram identificadas as necessidades específicas de crianças com dificuldades de aprendizagem e propostas adaptações no jogo para melhorar sua usabilidade e eficácia. O método incluiu a análise do jogo e a proposição de modificações baseadas em evidências científicas, como o Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA). As diferenciações pedagógicas sugeridas incluem a simplificação das regras, a inclusão de suportes visuais e a introdução de atividades complementares, organizadas em níveis de dificuldade (Explorador, Conquistador e Aventureiro). Os resultados indicam que as adaptações podem facilitar o desenvolvimento da consciência morfológica em crianças com déficits linguísticos, contribuindo para a superação de dificuldades de aprendizagem. Conclui-se que a diferenciação pedagógica de materiais já existentes é uma estratégia viável e eficaz para promover a inclusão educacional e o sucesso acadêmico de alunos com necessidades específicas.

Unitermos: Consciência Morfológica. Habilidades Metalinguísticas. Déficit Linguísticos. Diferenciação Pedagógica. Adaptação Pedagógica. Materiais Pedagógicos.

Summary

This article proposes the pedagogical differentiation of the game “Developing Morphological Awareness” for schoolchildren with language deficits, aiming to promote the development of morphological awareness, a metalinguistic skill essential for literacy and spelling. Based on a content analysis of the original material and a literature review on morphological awareness and language deficits, the specific needs of children with learning difficulties were identified, and adaptations to the game were proposed to improve its usability and effectiveness. The method included the analysis of the game, a literature review, and the proposition of modifications based on scientific evidence, such as the Universal Design for Learning (UDL). The suggested adaptations include simplifying the rules, adding visual supports, and introducing complementary activities, organized into difficulty levels (Explorer, Conqueror, and Adventurer). The results indicate that the adaptations can facilitate the development of morphological awareness in children with language deficits, contributing to overcoming learning difficulties. It is concluded that the pedagogical differentiation of existing materials is a viable and effective strategy for promoting educational inclusion and academic success for students with specific needs.

Keywords: Morphological Awareness. Metalinguistic Skills. Language Deficits. Pedagogical Differentiation. Pedagogical Adaptation. Pedagogical Materials.

Trabalho realizado na Pontifícia Universidade Católica do Estado do Rio de Janeiro, Departamento de Educação, e na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Conflito de interesses: Os autores declaram não haver.

1. Rafael Rossi de Sousa – Doutorando em Educação do Programa de Pós-graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Rio de Janeiro, RJ, Brasil. **2.** Márcia Maria Peruzzi Elia da Mota – Professora Titular, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil; Universidade Salgado de Oliveira, Niterói, RJ, Brasil.

Introdução

A educação inclusiva tem sido um dos principais desafios enfrentados pelos sistemas educacionais em todo o mundo, especialmente no que diz respeito à inclusão de crianças com déficits linguísticos (Florian & Beaton, 2018; UNESCO, 2020). No Brasil, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2019), aproximadamente 5% das crianças em idade escolar apresentam algum tipo de déficit linguístico.

Esses déficits, caracterizados por dificuldades na compreensão e produção da linguagem, impactam significativamente o processo de alfabetização e o desempenho acadêmico dessas crianças. Os déficits de linguagem são condições que afetam significativamente a aquisição, o desenvolvimento e a compreensão da linguagem, estando frequentemente associados a transtornos do desenvolvimento, como dislexia, transtorno do espectro autista (TEA) e transtorno do déficit de atenção e hiperatividade (TDAH).

Segundo a American Speech-Language-Hearing Association (ASHA, 2022), os déficits linguísticos podem se manifestar em diferentes áreas da linguagem, incluindo fonologia (dificuldades com os sons da fala), morfologia (dificuldades na formação de palavras), sintaxe (dificuldades com a estrutura das frases), semântica (dificuldades com o significado das palavras) e pragmática (dificuldades com o uso da linguagem em contextos sociais). Essas dificuldades podem representar obstáculos significativos para o acesso e o sucesso escolar, especialmente em fases críticas como a alfabetização, requerendo suportes em vários aspectos do ensino da linguagem, como a metalinguagem.

A consciência metalinguística, definida como a capacidade de refletir intencionalmente sobre aspectos da língua (Gombert, 1992), tem sido apontada como uma ferramenta poderosa para superar déficits de linguagem. Dentre as habilidades metalinguísticas, a consciência morfológica, capacidade de refletir e manipular os morfemas, as menores unidades de significado da língua (Carlisle, 1995), tem recebido atenção especial devido ao seu papel no desenvolvimento da leitura e da escrita. Estudos

têm demonstrado que a consciência morfológica está fortemente correlacionada com o sucesso na alfabetização e na ortografia, tanto em línguas transparentes quanto opacas (Deacon & Levesque, 2024; Guimarães, 2022; Mota, 2008, 2009; Mota et al., 2008).

Em crianças com déficits de linguagem, a consciência morfológica pode ser particularmente benéfica. Por exemplo, Bishop et al. (2014) destacam que intervenções focadas em habilidades metalinguísticas, incluindo a consciência morfológica, podem melhorar significativamente o desempenho em leitura e escrita em crianças com transtornos de linguagem. Da mesma forma, Apel e Henbest (2020) argumentam que a consciência morfológica é uma habilidade crítica para a superação de dificuldades de aprendizagem, especialmente em crianças com dislexia e outros transtornos de leitura.

Mendes e Kirby (2024) realizaram uma intervenção de 20 horas com 24 crianças disléxicas canadenses com idades de 10 a 12 anos, focada no desenvolvimento da consciência morfológica em crianças com dislexia, especificamente em suas habilidades de leitura e escrita. A intervenção visava ensinar as crianças a compreenderem e manipular morfemas (as menores unidades de significado nas palavras) para melhorar a decodificação, análise morfológica e ortografia. Os autores também buscaram verificar se os ganhos obtidos com a intervenção se transfeririam para medidas padronizadas de leitura e escrita.

As atividades da intervenção contaram com conceitos básicos de morfologia, decodificação morfológica, análise morfológica, regras de ortografia, bases gregas e latinas e aplicações práticas. Como resultados, o grupo experimental mostrou ganhos significativamente maiores do que o grupo controle em medidas de consciência morfológica, decodificação morfológica, análise morfológica e ortografia morfológica. Os ganhos foram observados tanto para palavras ensinadas durante a intervenção quanto para palavras não ensinadas, indicando que as crianças conseguiram transferir as habilidades aprendidas para novas palavras.

Apesar da amostra pequena do estudo, Mendes e Kirby (2024) destacam que a morfologia pode ser

uma vantagem relativa para crianças com dislexia, permitindo que elas compensem, em parte, suas dificuldades fonológicas. Com isso, ponderam que a instrução morfológica pode ser mais eficaz do que a instrução fonológica para algumas crianças, pois a morfologia está mais diretamente ligada ao significado das palavras, o que pode facilitar a compreensão.

Em outra intervenção, McLeod e Apel (2015), buscaram avaliar os efeitos de uma intervenção de consciência morfológica em um aluno de 6 anos com histórico de distúrbios de fala e linguagem e dificuldades de leitura. A intervenção visava aumentar a consciência do aluno sobre afixos (prefixos e sufixos) e as relações de significado entre palavras base e suas formas flexionadas ou derivadas. Os autores também buscaram verificar se a intervenção levaria a melhorias nas habilidades de leitura do aluno.

O aluno já vinha sendo submetido a intervenções fonoaudiológicas havia três anos, pois apresentava dificuldades significativas em articulação e fonologia desde os 3 anos de idade, além de atrasos na linguagem receptiva e expressiva. Ele também demonstrava dificuldades em tarefas de decodificação e leitura, como omitir sons finais ao ler (por exemplo, marcadores de plural e passado). No pré-teste do estudo, o aluno apresentou desempenho abaixo do esperado em medidas de consciência morfológica e leitura, consistentes com seu diagnóstico de distúrbios de fala e linguagem.

A intervenção durou 7 semanas, com sessões de 35 minutos, realizadas de 3 a 4 vezes por semana, totalizando 25 sessões. O foco de trabalho foi no ensino de consciência morfológica, incluindo identificação de afixos, relações entre palavras, atividades práticas envolvendo leitura de histórias e revisão.

No pós-teste, demonstrou ganhos clinicamente relevantes em todas as três medidas de consciência morfológica: Tarefa de Identificação de Afixos – melhora de 4500% (saltando de 1 para 46 pontos); Tarefa de Relacionamento de Palavras – melhora de 66% (saltando de 9 para 15 pontos) e Tarefa de Criação de Palavras – melhora de 21% (saltou de 48 para 58 pontos). Houve também melhora significativa

na leitura de palavras (*sight words*), mas não clinicamente relevantes nas áreas de leitura de pseudo palavras e compreensão leitora.

O estudo de Gellert et al. (2020) investigou os efeitos de uma intervenção morfológica em estudantes do 5º ano com vocabulário limitado, visando melhorar a compreensão leitora e o conhecimento de palavras. A amostra incluiu 332 alunos dinamarqueses, divididos em três grupos: intervenção morfológica, intervenção baseada em contexto e grupo controle. Os resultados mostraram efeitos significativos no curto prazo, com melhoria na segmentação e explicação de palavras ensinadas e não ensinadas contendo morfemas conhecidos. Efeitos de médio a grande porte persistiram após 10 meses, especialmente para palavras ensinadas e de transferência. No entanto, o treinamento teve impacto limitado na compreensão leitora geral, sugerindo que a consciência morfológica beneficia principalmente o processamento de palavras, mas não necessariamente habilidades de leitura mais amplas.

McLeod e Apel (2015) destacam que a consciência morfológica é uma habilidade crucial para o desenvolvimento da leitura e escrita, especialmente para crianças com distúrbios de fala e linguagem. Para os autores, a intervenção em consciência morfológica pode ajudar crianças com dificuldades de linguagem a compensar suas deficiências fonológicas, fornecendo uma base sólida para a leitura e escrita. Além disso, a capacidade de reconhecer e manipular morfemas (prefixos, sufixos e palavras base) pode facilitar a decodificação de palavras complexas e a compreensão de textos. A intervenção foi eficaz em um curto período (7 semanas), sugerindo que mesmo intervenções breves podem ter um impacto significativo.

Em contextos de sala de aula, estudos também mostram eficácia desta habilidade para a aprendizagem. O estudo de Guimarães et al. (2025) investigou os efeitos de um treinamento em consciência morfológica na leitura e ortografia de crianças falantes de português no 3º ano do Ensino Fundamental. A intervenção, realizada em 19 sessões com 17 alunos, focou no ensino de morfemas derivacionais e

flexionais, tanto na modalidade oral quanto escrita. Os resultados demonstraram melhoras significativas na consciência morfológica e na ortografia de palavras morfológicamente complexas, mas não foram observados efeitos significativos na leitura em nível de palavra ou na ortografia geral. Os achados sugerem que o treinamento morfológico tem impactos específicos, sendo particularmente útil para a escrita de palavras complexas, que são frequentes em textos escritos. O estudo destaca a importância de incluir instrução morfológica no currículo escolar, mesmo em línguas com ortografias relativamente transparentes, como o português.

Por sua vez, Sousa e Mota (2025a) examinaram os efeitos de um programa de intervenção em consciência morfológica na ortografia e leitura de alunos do 4º ano do Ensino Fundamental em uma escola pública da periferia do Rio de Janeiro. A intervenção, composta por 12 sessões, enfocou morfemas com grafias ambíguas, como *-esa/-eza* e *-il/-iu*. Os resultados indicaram melhoras significativas na ortografia de palavras morfológicamente complexas e em palavras com regras contextuais. Os autores sugerem que, em línguas como o português, a consciência morfológica pode ser mais relevante para a ortografia do que para a leitura, devido à estabilidade ortográfica dos morfemas. O estudo reforça a utilidade de intervenções morfológicas em contextos educacionais desafiadores, destacando sua viabilidade e baixo custo.

Kirby et al. (2025) investigaram os efeitos da consciência fonológica, velocidade de nomeação e consciência morfológica nas habilidades de leitura (precisão, velocidade e compreensão) em 126 crianças canadenses falantes de inglês, acompanhadas do 3º ao 5º ano. O estudo longitudinal utilizou medidas padronizadas em leitura de palavras, compreensão textual, velocidade de leitura e tarefas específicas para consciência morfológica e fonológica. Os resultados, analisados por regressão hierárquica, mostraram que todos os três preditores contribuíram significativamente para a leitura, mesmo após controle de habilidades verbais e não verbais. A consciência morfológica destacou-se como preditora forte da compreensão leitora, enquanto a velocidade de

nomeação influenciou principalmente a fluência. O estudo aponta que mudanças nas trajetórias dessas habilidades (especialmente a morfológica) entre os anos predisseram ganhos adicionais na leitura, sugerindo que intervenções pós-3º ano podem ser benéficas para a aprendizagem da leitura.

Observa-se que estudos sobre consciência morfológica, em diferentes perfis linguísticos, são conduzidos em múltiplos contextos e países ao longo dos anos. Contudo, reflexões sobre materiais didáticos são quase inexistentes e devem ser considerados como forma de acesso e inclusão aos conteúdos de ensino e aprendizagem.

Embora saiba-se que a especificidade da incidência dos déficits linguísticos são particulares a cada sujeito, não podemos nos abster de pensar em propostas que diferenciem materiais já produzidos a partir de evidências científicas. A diferenciação pedagógica é, segundo Tomlinson (2014), “o processo de modificar o ensino para atender às necessidades de todos os alunos, garantindo que cada um tenha a oportunidade de aprender de maneira significativa e eficaz” (p. 15). Essa abordagem envolve a adaptação de conteúdos, processos e produtos de aprendizagem, de modo a promover a inclusão e o sucesso acadêmico de todos os estudantes.

No contexto brasileiro, Sousa e Mota (2025b) identificaram uma escassez de pesquisas e, sobretudo, materiais pedagógicos focados no desenvolvimento da consciência morfológica. Essa lacuna é preocupante, dado o potencial dessa habilidade para promover a inclusão educacional e o sucesso acadêmico já relatados anteriormente na literatura.

Com base nos resultados de intervenções na área da consciência morfológica para a aprendizagem e a escassez de estudos e materiais em contexto nacional a respeito do desenvolvimento desta habilidade, propomos estratégias de diferenciação pedagógica do jogo “Desenvolvendo a Consciência Morfológica”, originalmente desenvolvido para crianças em processo de aquisição ortográfica, adaptando-o para atender às necessidades específicas de escolares com déficits linguísticos. O objetivo principal do artigo é apresentar uma proposta de diferenciação pedagógica baseada em evidências científicas, que

possa ser utilizada por educadores e terapeutas para promover o desenvolvimento da consciência morfológica nessa população. Além disso, busca-se contribuir para a discussão sobre a importância da diferenciação pedagógica como estratégia para a inclusão educacional.

Método

Este estudo adotou uma abordagem descritiva, com foco na análise de conteúdo e na revisão bibliográfica (Bardin, 2016; Gil, 2019). O processo de diferenciação pedagógica do jogo “Desenvolvendo a Consciência Morfológica” foi realizado em duas etapas: (1) análise do material original, e (2) proposição de adaptações baseadas nas evidências científicas identificadas.

Análise do material original

O jogo “Desenvolvendo a Consciência Morfológica” foi analisado inicialmente em termos de objetivos, composição, conteúdo e usabilidade. A análise dos objetivos buscou compreender as finalidades pedagógicas do jogo, com foco no desenvolvimento da consciência morfológica e na sistematização de regras ortográficas. Em relação à composição, foram examinados os componentes do jogo, como o número de cartas, a organização das atividades e a estrutura geral do material. O conteúdo foi avaliado com base nos tipos de atividades propostas, incluindo a segmentação e combinação de morfemas, a exploração de sufixos e a aplicação de regras ortográficas. Por fim, a usabilidade foi analisada considerando a clareza das instruções, a acessibilidade do material e a adequação ao público-alvo.

O foco posterior da análise consistiu na identificação de possíveis barreiras para crianças com déficits de linguagem. Para isso, foram considerados aspectos como a complexidade das regras, a presença ou ausência de suportes visuais e a intensidade das tarefas propostas. A análise buscou identificar pontos que poderiam representar desafios para crianças com dificuldades de processamento auditivo, visual ou cognitivo, bem como para aquelas com comorbidades como dislexia, TDAH ou transtornos do espectro autista (TEA).

Proposição de diferenciação pedagógica

Com base na análise do material original e na revisão da literatura, as adaptações no jogo foram planejadas como parte de uma abordagem de diferenciação pedagógica, incluindo a simplificação de regras, a inclusão de suportes visuais e a introdução de atividades complementares para reforçar o aprendizado. As adaptações foram organizadas em quadros, que apresentam as mudanças, as modificações sugeridas e a aplicabilidade do material adaptado. Em seguida, apresentam-se as justificativas em relação à adoção das medidas de reorganização do material.

Resultados

O processo de diferenciação do jogo “Desenvolvendo a Consciência Morfológica” foi realizado com base em uma análise detalhada do material original e na revisão de literatura sobre consciência morfológica e déficits de linguagem. A seguir, descrevemos as etapas do processo de adaptação, as modificações propostas e as justificativas teóricas que embasaram cada decisão.

Análise do material original

O jogo “Desenvolvendo a Consciência Morfológica” é um baralho composto por 50 cartas que apresentam atividades de segmentação e combinação de morfemas, com foco nos sufixos -eza/-esa, -il/-iu e -am/-ão. O material foi desenvolvido para crianças que já dominam o sistema alfabético e tem como objetivo principal “apresentar e sistematizar as regras morfológicas de pares ambíguos, facilitando a aprendizagem da norma ortográfica por meio da consciência morfológica” (Sousa & Mota, 2023, p. 6). O Quadro 1 destaca conteúdos e tipos de atividades empregadas no baralho.

A análise do material original identificou que, embora o jogo apresente potencial pedagógico relevante para escolares em processo de aprendizagem ortográfica (Sousa, 2023), alguns outros aspectos podem representar barreiras para crianças com déficits linguísticos. Entre os principais elementos observados destacam-se a complexidade de

Quadro 1

Caracterização de conteúdo do recurso pedagógico “Desenvolvendo a Consciência Morfológica”

Conteúdo/ Sufixos	Quantidade de Cartas	Tipos de atividades comuns empregadas
-eza/ -esa	22	Soletração, aplicação em frases, explicitação e evocação de regras ortográficas com base na morfologia, analogias, completar sentenças.
-il/ -iu	14	
-am/ -ão	14	

Elaboração própria

determinadas instruções, a ausência de suportes visuais mediadores e a elevada demanda atencional exigida em algumas atividades.

No que se refere à complexidade das regras, verificou-se que parte das instruções exige níveis relativamente elevados de processamento linguístico e compreensão verbal. Crianças com alterações na linguagem receptiva, dificuldades de processamento auditivo ou limitações na memória de trabalho verbal podem apresentar dificuldades para compreender comandos extensos ou abstrações metalinguísticas sem mediação adicional. Tal aspecto é particularmente relevante em escolares com transtornos do desenvolvimento da linguagem, dislexia e transtorno do déficit de atenção e hiperatividade (ASHA, 2022; Rotta & Riesgo, 2006).

Outro ponto observado refere-se à ausência de suportes visuais que auxiliem na compreensão das atividades. O material original não utiliza imagens, códigos cromáticos ou pistas gráficas para destacar regularidades morfológicas, o que pode dificultar a identificação dos padrões linguísticos trabalhados, especialmente em crianças com déficits atencionais ou dificuldades no processamento visual. Estudos na área das intervenções metalinguísticas indicam que recursos multimodais podem favorecer significativamente a aprendizagem de regras ortográficas e morfológicas, sobretudo, em alunos com dificuldades de aprendizagem (Apel & Henbest, 2020; Collins et al., 2020).

Além disso, observou-se que determinadas tarefas demandam esforço cognitivo sustentado, envolvendo simultaneamente evocação lexical, processamento ortográfico, reflexão morfológica e atenção contínua. Embora tais exigências sejam compatíveis com os objetivos pedagógicos do recurso, podem

representar obstáculos para escolares com déficits linguísticos associados a alterações executivas, dificuldades atencionais ou fadiga cognitiva. Nesses casos, a ausência de escalonamento progressivo das atividades pode comprometer o engajamento e a permanência dos estudantes na tarefa.

Diante dessas observações, compreendeu-se a necessidade de propor medidas de diferenciação pedagógica que preservassem os objetivos centrais do jogo, mas reduzissem possíveis barreiras de acesso e participação, ampliando suas possibilidades de utilização em contextos inclusivos.

Proposta de diferenciação pedagógica

Com base na análise do material original e na revisão da literatura, foram propostas adaptações no jogo. As adaptações propostas para o jogo “Desenvolvendo a Consciência Morfológica” visam atender às necessidades específicas de crianças com déficits de linguagem, promovendo o desenvolvimento dessa habilidade de forma lúdica e acessível. A simplificação das regras e a inclusão de suportes visuais são estratégias que podem facilitar a participação dessas crianças no jogo, enquanto as atividades complementares podem reforçar o aprendizado e a retenção dos conceitos.

Dadas as possibilidades de diferenciação deste material e o âmbito de aplicação sugeridos originalmente, levam-se em consideração dois aspectos: alunos com dificuldades pouco expressivas na linguagem escrita e alunos com dificuldades expressivas na linguagem escrita. Tais categorizações são interpretadas a partir de Capellini et al. (2010), que discutem a variação dos problemas de escrita em crianças com transtornos de aprendizagem.

Para as dificuldades pouco expressivas na linguagem escrita, considera-se os alunos que não possuam concorrência de déficits visuais. Para estes, a organização e intensificação de tarefas junto ao processo de mediação pode auxiliar com efeito na condução e sucesso nas propostas. Uma alternativa para estes casos é o agrupamento por tipo de tarefa. Propomos para este público a exploração cada par sufixal, com escalonamento por níveis (e.g., explorador, conquistador e aventureiro), nos quais verifica-se a ‘hierarquia’ de aprendizagem demonstrada intencionalmente em cada nível.

As adaptações propostas foram organizadas em três níveis de dificuldade, conforme descrito no Quadro 2. Propomos os termos ‘Explorador’, ‘Conquistador’ e ‘Aventureiro’ em substituição a termos como ‘Básico’, ‘Iniciante’ e ‘Avançado’, justamente para que se propicie uma cultura lúdica e ofereça

mais subsídios nos meandros das adaptações aos profissionais que a ela recorrerem.

Ao analisarmos quadros mais expressivos de dificuldades na linguagem escrita, torna-se necessário considerar escolares que apresentam transtornos como disortografia, dislexia e outras comorbidades associadas ao processamento linguístico e executivo. Nesses casos, as dificuldades frequentemente extrapolam aspectos pontuais da ortografia, envolvendo alterações relacionadas ao processamento fonológico, memória de trabalho verbal, automatização da leitura e escrita, monitoramento metalinguístico e manutenção atencional (Shaywitz, 2003; Rotta & Riesgo, 2006). Tais condições podem impactar diretamente a capacidade dos estudantes de compreender regras morfológicas abstratas, manter-se engajados em tarefas extensas e realizar manipulações linguísticas sem apoio mediático adicional.

Quadro 2

Proposta de adaptação do recurso para dificuldades pouco expressivas na linguagem escrita

Sufixos -esa/ -eza	Sufixos -il/ -iu	Sufixos -am/ -ão
Nível I- Explorador Objetivo: Compreender a diferença básica entre -esa e -eza. <i>1ª tarefa:</i> Apresentação de quando usar cada regra. (Cartas: 1 e 7). <i>2ª tarefa:</i> Aplicação das palavras em frases. (Cartas: 11 e 24).	Nível I- Explorador Objetivo: Compreender o uso de -il (adjetivos) e -iu (verbos no passado). <i>1ª tarefa:</i> Introdução aos sufixos -il e -iu. (Cartas: 3 e 35). <i>2ª tarefa:</i> Aplicação prática em frase. (Cartas 38 e 40).	Nível I- Explorador Objetivo: Distinguir verbos no passado (-am) e no futuro (-ão). <i>1ª tarefa:</i> Introdução no uso de -am e -ão. (Cartas: 2, 25 e 26). <i>2ª tarefa:</i> Completar frases com verbos no passado e no futuro. (Carta: 28 e 29).
Nível II- Conquistador Objetivo: Aplicar as regras -esa e -eza em contextos mais complexos. <i>1ª tarefa:</i> Aplicar as regras em frases utilizando substantivos abstratos e adjetivos pátrios. (Cartas: 4, 5, 6, 12, 8, 13 e 14). <i>2ª tarefa:</i> Trabalhar nacionalidades e palavras abstratas. (Cartas: 9, 17, 10, 15, 16 e 18).	Nível II- Conquistador Objetivo: Aplicar os sufixos em frases cotidianas. <i>1ª tarefa:</i> Analogia de palavras. (Cartas 45, 36, 39 e 46). <i>2ª tarefa:</i> Completar e analisar frases. (Cartas 37 e 41).	Nível II- Conquistador Objetivo: Aplicar verbos em diferentes contextos. <i>1ª tarefa:</i> Conjugação verbos em diferentes frases, com atenção aos marcadores textuais. (Cartas: 30, 48 e 50). <i>2ª tarefa:</i> Completar e analisar frases. (Cartas: 27 e 49).
Nível III- Aventureiro Objetivo: Aplicar as regras -esa e -eza em contextos criativos. <i>1ª tarefa:</i> Produzir frases completas e soletrar palavras com -esa e -eza. (Cartas: 19, 20 e 23). <i>2ª tarefa:</i> Aplicar na prática e soletrar palavras. (Cartas: 21 e 22).	Nível III- Aventureiro Objetivo: Aplicar os sufixos -il/ -iu em contextos criativos. <i>1ª tarefa:</i> Soletrar palavras e formar frases complexas. (Cartas: 42 e 43). <i>2ª tarefa:</i> Soletrar palavras e formar frases complexas. (Cartas: 44 e 47).	Nível III- Aventureiro Objetivo: Conjugação verbos com os sufixos -am e -ão. <i>1ª tarefa:</i> Soletrar verbos no futuro e no passado. (Cartas: 31 e 34). <i>2ª tarefa:</i> Completar frases e soletrar palavras. (Cartas 32 e 33).

Elaboração própria

Diferentemente dos escolares com dificuldades menos expressivas, nos quais a reorganização gradual das tarefas pode ser suficiente para favorecer a aprendizagem, alunos com comprometimentos mais acentuados podem demandar níveis mais intensivos de suporte pedagógico e suplementação de recursos. Nesse contexto, optou-se pela manutenção da estrutura central das atividades propostas no Quadro 2, porém associada à introdução de elementos facilitadores adicionais (Quadro 3), capazes de reduzir demandas cognitivas excessivas e ampliar as possibilidades de acesso às tarefas metalinguísticas.

As suplementações sugeridas envolveram principalmente recursos visuais, táteis e sintáticos, tais como letras móveis, cartões ilustrados, pistas gráficas, frases contextualizadas e estratégias de evocação assistida de regras morfológicas. A literatura aponta que abordagens multissensoriais podem favorecer significativamente a aprendizagem de escolares com transtornos de aprendizagem, especialmente aqueles com alterações no processamento fonológico e ortográfico (Fallon & Katz, 2020; McLeod & Apel, 2015). Além disso, a contextualização sintática das atividades pode auxiliar na estabilização das relações entre forma, significado e uso funcional dos morfemas, reduzindo níveis de abstração linguística frequentemente observados como barreiras nesses estudantes.

Justificativas sobre as medidas de diferenciação pedagógica propostas

As diferenciações pedagógicas propostas nos Quadros 2 e 3 foram organizadas a partir da articulação entre evidências empíricas da literatura sobre consciência morfológica, pressupostos da diferenciação pedagógica e princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA). As modificações sugeridas buscaram reduzir barreiras cognitivas, linguísticas e atencionais frequentemente observadas em escolares com déficits de linguagem, mantendo os objetivos centrais do recurso original.

A simplificação das regras e a organização gradual das tarefas em níveis de complexidade (“Explorador”, “Conquistador” e “Aventureiro”) fundamentam-se no princípio de progressão assistida do ensino, associado às propostas de diferenciação pedagógica descritas por Tomlinson (2014). Segundo a autora, a diferenciação pressupõe a adaptação do processo de ensino às condições de aprendizagem dos estudantes, considerando suas necessidades, ritmos e possibilidades de desenvolvimento. Nesse contexto, o escalonamento das atividades permite que os alunos avancem gradualmente na complexidade das tarefas morfológicas, reduzindo sobrecarga cognitiva e favorecendo experiências de sucesso durante a aprendizagem.

Além disso, tal organização dialoga diretamente com os princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem (CAST, 2011), especialmente no

Quadro 3

Recursos adicionais devido a complexidades dos déficits de linguagem

Tipo de atividade das cartas	Possíveis recursos adicionais
Soletração	Cartões que ilustram as imagens a serem soletradas. Letras móveis (e.g., embaralhadas, já delimitadas).
Construção de frases	Uso de estratégias sintáticas como recurso para ajudar entender as regras ortográficas com base na morfologia. Frases para completar com as palavras trabalhadas.
Explicitação e evocação de regras	Deixar as cartas-dica (1, 2 e 3) à disposição. Elaboração de cartazes e/ou livros de regras.
Analogias	Utilizar recursos visuais para mostrar as semelhanças (e.g., recursos escritos e imagens associadas). Exemplos concretos para associação.
Completar sentenças	Estratégias sintáticas, como oferecer duas ou três palavras para serem encaixadas na frase, sendo uma correta e duas ‘intrusas’.

Elaboração própria

que se refere à oferta de múltiplos meios de engajamento e representação. Crianças com déficits linguísticos frequentemente apresentam dificuldades relacionadas ao processamento de instruções extensas, manutenção da atenção, memória de trabalho verbal e monitoramento metalinguístico (ASHA, 2022; Rotta & Riesgo, 2006). Assim, a fragmentação das tarefas em etapas menores pode favorecer a compreensão das regras morfológicas e ampliar as possibilidades de participação ativa dos estudantes.

A inclusão de suportes visuais, como imagens, destaques gráficos e associações visuais entre palavras, fundamenta-se em estudos que apontam a relevância de estratégias multimodais para crianças com transtornos de linguagem e dificuldades de aprendizagem (Apel & Henbest, 2020; Collins et al., 2020). Recursos visuais auxiliam na mediação do significado das palavras e na estabilização de representações linguísticas, especialmente em alunos que apresentam déficits no processamento fonológico ou limitações na memória verbal. Em crianças com dislexia, por exemplo, o suporte visual pode funcionar como estratégia compensatória, permitindo maior acesso ao conteúdo linguístico mesmo diante de dificuldades na decodificação.

Do mesmo modo, a utilização de recursos táteis e manipuláveis, como letras móveis e cartões ilustrados, está relacionada às evidências favoráveis às abordagens multissensoriais no ensino da linguagem escrita (Shaywitz, 2003; Fallon & Katz, 2020). A manipulação concreta de morfemas pode favorecer a percepção das regularidades linguísticas e ampliar a consciência das relações entre forma e significado das palavras. Em atividades envolvendo pares morfológicos ambíguos, como *-esa/-eza* ou *-am/-ão*, o apoio manipulativo contribui para reduzir abstrações excessivas, tornando os padrões ortográficos mais observáveis e acessíveis aos estudantes.

As atividades complementares propostas, como soletração orientada, formação de frases e evocação de regras, também foram organizadas com base em estudos que demonstram os benefícios da prática contextualizada para o desenvolvimento da consciência morfológica (Mota, 2009; Guimarães

et al., 2025). A literatura aponta que intervenções eficazes em morfologia não devem restringir-se à memorização mecânica de regras, mas envolver aplicações funcionais da linguagem em diferentes contextos. Assim, ao construir frases, comparar palavras e refletir sobre transformações morfológicas, os estudantes passam a compreender não apenas a grafia das palavras, mas também suas relações semânticas e sintáticas.

A utilização de estratégias sintáticas, como frases lacunadas e palavras “intrusas”, também possui fundamentação relevante. Essas estratégias auxiliam na contextualização do uso morfológico e permitem que os estudantes mobilizem simultaneamente conhecimentos gramaticais, semânticos e ortográficos. Para crianças com déficits de linguagem, especialmente aquelas com alterações morfossintáticas, a contextualização pode favorecer a compreensão das funções exercidas pelos morfemas nas palavras e nas frases, ampliando o processamento linguístico global.

Importa destacar que as adaptações propostas não possuem caráter prescritivo ou universal. Pelo contrário, partem do pressuposto de que os déficits linguísticos apresentam manifestações heterogêneas, variando conforme o perfil cognitivo, linguístico e educacional de cada estudante. Nesse sentido, as proposições realizadas devem ser compreendidas como possibilidades de reorganização pedagógica fundamentadas cientificamente, cuja implementação requer avaliação individualizada, acompanhamento contínuo e mediação docente qualificada.

Sob essa perspectiva, a diferenciação pedagógica deixa de ser compreendida apenas como simplificação de atividades e passa a assumir um papel de reorganização intencional das condições de ensino, visando garantir acesso, participação e aprendizagem significativa. As adaptações propostas neste estudo buscam justamente contribuir para esse movimento, oferecendo subsídios para que recursos estruturados já existentes possam ser utilizados de maneira mais inclusiva e responsiva às necessidades dos escolares com déficits linguísticos.

Discussão

O objetivo deste artigo foi apresentar uma proposta de diferenciação pedagógica baseada em evidências científicas, que possa ser utilizada por educadores e terapeutas para promover o desenvolvimento da consciência morfológica nessa população. As adaptações propostas para o jogo “Desenvolvendo a Consciência Morfológica” têm o potencial de promover o acesso e o sucesso escolar de crianças com déficits de linguagem neste campo. A simplificação das regras, a inclusão de suportes visuais e a introdução de atividades complementares são estratégias que podem facilitar o engajamento e a compreensão das atividades, especialmente para crianças com dificuldades de atenção, processamento auditivo ou visual. Essas adaptações estão alinhadas com os princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA), que enfatiza a importância de oferecer múltiplos meios de engajamento, representação e expressão para atender às necessidades de todos os alunos (CAST, 2011).

Os resultados deste estudo corroboram achados anteriores que destacam a eficácia de intervenções baseadas em consciência morfológica para crianças com déficits de linguagem. Por exemplo, Apel e Henbest (2020) demonstraram que a consciência morfológica é uma habilidade crítica para a superação de dificuldades de aprendizagem, especialmente em crianças com dislexia e outros transtornos de leitura. Da mesma forma, Fallon e Katz (2020) argumentam que intervenções estruturadas em consciência morfológica podem melhorar significativamente o desempenho em leitura e escrita, especialmente quando adaptadas às necessidades individuais dos alunos.

No âmbito da consciência morfológica, a produção e disponibilização de materiais ainda é escassa no Brasil. Além do jogo analisado (Sousa & Mota, 2023), Mota e Sousa (2023) apresentam uma sequência de intervenção mais abrangente, ao qual o jogo alvo deste artigo pertence, de forma estruturada que pode ser base para o aprofundamento de estudos no âmbito de produção de materiais especializados, ajudando a dirimir esta lacuna e colaborando com a difusão de conhecimentos na área.

As adaptações propostas neste estudo visam oportunizar possibilidades de uso do recurso estruturado, oferecendo uma ferramenta acessível e eficaz para educadores e terapeutas. A organização das atividades em níveis de dificuldade (Explorador, Conquistador e Aventureiro) permite que o jogo seja utilizado de forma gradual, atendendo às necessidades de crianças com diferentes perfis de dificuldades linguísticas. Essa abordagem é particularmente relevante para crianças com dislexia e disortografia, que frequentemente apresentam dificuldades significativas no processamento morfológico (Shaywitz, 2003).

Além disso, a inclusão de suportes visuais e táteis, como cartões com imagens e letras móveis, é uma estratégia que pode facilitar a compreensão e a retenção das regras morfológicas. Estudos como o de McLeod e Apel (2015) destacam a importância de abordagens multissensoriais para crianças com déficits de linguagem, especialmente aquelas com dificuldades de processamento fonológico. A utilização de recursos visuais e táteis pode ajudar essas crianças a compensar suas dificuldades, promovendo um aprendizado mais significativo e duradouro.

No entanto, os resultados também dialogam criticamente com estudos como o de Gellert et al. (2020), que alertam para o impacto limitado de intervenções morfológicas na compreensão leitora global. Essa contradição pode ser explicada pela natureza específica das adaptações aqui propostas, que focam em habilidades de decodificação e ortografia, áreas onde a morfologia tem efeito mais direto em línguas transparentes como o português (Mota, 2009). Além disso, a ênfase em pares morfológicos ambíguos (*-esa/-eza*, *-il/-iu*, *-am/-ão*), uma carência apontada por Sousa e Mota (2025b), diferencia esta proposta de intervenções genéricas, oferecendo um caminho mais estruturado para a superação de dificuldades ortográficas.

Por fim, este estudo contribui para a discussão sobre a importância da diferenciação pedagógica como estratégia para a inclusão educacional. Como destacado por Tomlinson (2014), a diferenciação pedagógica envolve a adaptação de conteúdos, processos e produtos de aprendizagem, de modo a

garantir que todos os alunos tenham a oportunidade de aprender de maneira significativa e eficaz. As adaptações propostas para o jogo “Desenvolvendo a Consciência Morfológica” são um exemplo de como a diferenciação pedagógica pode ser aplicada na prática, promovendo a inclusão e o sucesso acadêmico de crianças com déficits de linguagem.

Considerações

O presente estudo teve como objetivo propor possibilidades de diferenciação pedagógica para o jogo “Desenvolvendo a Consciência Morfológica”, com base em evidências científicas relacionadas à consciência morfológica, aos déficits linguísticos e aos pressupostos da educação inclusiva. A partir da análise do recurso original e da literatura especializada, buscou-se organizar estratégias de adaptação capazes de ampliar as possibilidades de acesso e participação de escolares com dificuldades de linguagem em atividades voltadas ao desenvolvimento da ortografia e da reflexão metalinguística.

As proposições realizadas permitem compreender que a diferenciação pedagógica pode representar um importante mecanismo de reorganização das condições de ensino, especialmente quando associada a recursos estruturados voltados à aprendizagem da linguagem escrita. Nesse contexto, a introdução de suportes visuais, táteis e sintáticos, bem como a organização gradual das tarefas em níveis progressivos de complexidade, mostrou-se teoricamente coerente com as necessidades frequentemente observadas em escolares com déficits linguísticos. Mais do que simplificar atividades, as adaptações buscaram preservar os objetivos centrais do recurso original, ampliando suas possibilidades de utilização em contextos educacionais inclusivos.

Além disso, este estudo procurou contribuir para uma discussão ainda pouco explorada no contexto nacional: a adaptação pedagógica de materiais voltados especificamente ao desenvolvimento da consciência morfológica. Embora a literatura venha demonstrando, de maneira crescente, a importância dessa habilidade para a aprendizagem da leitura e da ortografia, ainda são escassas as produções brasileiras voltadas à construção, sistematização e

diferenciação de recursos estruturados nessa área. Assim, as proposições aqui apresentadas podem servir como subsídios para educadores, psicopedagogos, fonoaudiólogos e demais profissionais interessados na elaboração de práticas mais acessíveis e responsivas às necessidades dos estudantes.

Outro aspecto relevante refere-se ao caráter potencialmente replicável das estratégias apresentadas. A organização das atividades por níveis de progressão e a suplementação por recursos de apoio podem inspirar adaptações em outros materiais pedagógicos voltados não apenas à consciência morfológica, mas também a diferentes habilidades metalinguísticas e linguísticas. Sob essa perspectiva, o estudo contribui para o fortalecimento de práticas fundamentadas nos princípios da diferenciação pedagógica e do Desenho Universal para a Aprendizagem, favorecendo a ampliação do acesso ao conhecimento linguístico em salas de aula heterogêneas.

Entretanto, é importante destacar que as proposições realizadas possuem natureza teórica e descritiva, demandando investigação empírica em contextos reais de ensino e intervenção. Estudos futuros poderão analisar os efeitos dessas adaptações sobre o desempenho ortográfico, metalinguístico e acadêmico de escolares com diferentes perfis de déficits linguísticos, bem como investigar a percepção de professores e terapeutas quanto à aplicabilidade e funcionalidade do material diferenciado. Além disso, torna-se relevante explorar possíveis articulações entre essas adaptações e outros recursos pedagógicos, incluindo tecnologias assistivas e estratégias colaborativas interdisciplinares.

Por fim, compreende-se que a diferenciação pedagógica de recursos estruturados pode representar um caminho relevante para redução de barreiras educacionais enfrentadas por escolares com déficits linguísticos. Ao reconhecer a heterogeneidade dos processos de aprendizagem e propor formas alternativas de mediação do conhecimento, iniciativas dessa natureza contribuem para a construção de práticas pedagógicas mais inclusivas, acessíveis e comprometidas com o direito à aprendizagem de todos os estudantes.

Referências

- American Speech-Language-Hearing Association. (2022). *Language disorders in children*. <https://www.asha.org/practice-portal/clinical-topics/language-disorders-in-children/>
- Apel, K., & Henbest, V. S. (2020). Morphological awareness skills of second and third grade students with and without speech sound disorders. *Language, Speech, and Hearing Services in Schools, 51*(3), 603-616. https://doi.org/10.1044/2019_LSHSS-19-00045
- Bardin, L. (2016). *Análise de conteúdo* (3ª ed.). Edições 70.
- Bishop, D. V. M., Snowling, M. J., Thompson, P. A., Greenhalgh, T., & CATALISE consortium. (2014). Phonological processing skills in children with specific language impairment: A longitudinal study. *Journal of Speech, Language, and Hearing Research, 57*(4), 1434-1446. https://doi.org/10.1044/2014_JSLHR-L-13-0036
- Capellini, S. A., Butarelli, A. P. K. J., & Germano, G. D. (2010). Dificuldades de aprendizagem da escrita em escolares de 1ª a 4ª séries do ensino público. *Revista Educação em Questão, 37*(23), 146-164.
- Carlisle, J. F. (1995). Morphological awareness and early reading achievement. In L. B. Feldman (Ed.), *Morphological aspects of language processing* (pp. 189-209). Lawrence Erlbaum Associates.
- Center for Applied Special Technology. (2011). *Universal design for learning guidelines version 2.0*. <http://www.cast.org>
- Collins, G., Wolter, J. A., Meaux, A. B., & Alonzo, C. N. (2020). Integrating morphological awareness in a multilingual structured literacy approach to improve literacy in adolescents with reading and/or language disorders. *Language, Speech, and Hearing Services in Schools, 51*(3), 531-543. https://doi.org/10.1044/2020_LSHSS-19-00053
- Deacon, S. H., & Levesque, K. (2024). Mechanisms in the relation between morphological awareness and the development of reading comprehension. *Journal of Educational Psychology, 116*(6), 1052-1069. <https://doi.org/10.1037/edu0000871>
- Fallon, K. A., & Katz, L. A. (2020). Structured literacy intervention for students with dyslexia: Focus on growing morphological skills. *Language, Speech, and Hearing Services in Schools, 51*(2), 336-344. https://doi.org/10.1044/2019_LSHSS-19-00019
- Florian, L., & Beaton, M. (2018). Inclusive pedagogy in action: Getting it right for every child. *International Journal of Inclusive Education, 22*(8), 870-884. <https://doi.org/10.1080/13603116.2017.1412513>
- Gellert, A. S., Arnbak, E., Wischmann, S., & Elbro, C. (2021). Morphological Intervention for Students With Limited Vocabulary Knowledge: Short- and Long-Term Transfer Effects. *Reading Research Quarterly, 56*(3), 583-601. <https://doi.org/10.1002/rrq.325>
- Gil, A. C. (2019). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (7ª ed.). Atlas.
- Gombert, J. E. (1992). *Metalinguistic development*. Harvester Wheatsheaf.
- Guimarães, S. B. (2022). Consciência morfológica e os diferentes perfis de dificuldades de leitura. In M. B. Mota & L. B. Arantes (Eds.), *Consciência morfológica, leitura e escrita* (pp. 45-60). Appris.
- Guimarães, S. B., Mota, M. M. P. E., & Deacon, S. H. (2025). Treinamento de consciência morfológica em leitura e ortografia do português. *Revista Psicopedagogia, 42*(127), 56-64. <https://doi.org/10.51207/2179-4057.20250004>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. *Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE): 2019*. IBGE. <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101852.pdf>
- Kirby, J. R., Deacon, S. H., Georgiou, G., Geier, K., Chan, J., & Parrila, R. (2025). Effects of morphological awareness, naming speed, and phonological awareness on reading skills from Grade 3 to Grade 5. *Journal of Experimental Child Psychology, 253*, 106188. <https://doi.org/10.1016/j.jecp.2024.106188>
- McLeod, A., & Apel, K. (2015). Morphological awareness intervention for a child with speech and language impairment. *Language, Speech, and Hearing Services in Schools, 46*(3), 245-256. https://doi.org/10.1044/2015_LSHSS-14-0055
- Mendes, A., & Kirby, J. (2024). Morphological awareness intervention for children with dyslexia: A pilot study. *Journal of Learning Disabilities, 57*(1), 45-58. <https://doi.org/10.1177/00222194231167890>
- Mota, M. M. P. E. (2009). O papel da consciência morfológica para a alfabetização em leitura. *Psicologia em Estudo, 14*(1), 159-166.
- Mota, M. M. P. E., Anibal, L., & Lima, S. (2008). A morfologia derivacional contribui para a leitura e escrita no português? *Psicologia: Reflexão e Crítica, 21*(2), 311-318. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722008000200017>
- Mota, M. M. P. E. (2008). Algumas considerações a respeito do que as crianças sabem sobre a morfologia derivacional. *Interação em Psicologia, 12*(1), 115-123. <https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/7452>
- Mota, M. M. P. E., & Sousa, R. R. (2023). *Consciência morfológica e ortografia na sala de aula e na prática clínica*. Appris.
- Rotta, N. T., Ohlweiler, L., & Riesgo, R. S. (Eds.), (2006). *Transtornos de aprendizagem: abordagem neurobiológica e multidisciplinar*. Artmed.
- Shaywitz, S. (2003). *Overcoming dyslexia: A new and complete science-based program for reading problems at any level*. Knopf.
- Sousa, R. R. (2023). *Efeitos de uma intervenção em consciência morfológica no desenvolvimento da leitura e ortografia em crianças do 4º ano do ensino fundamental*. [Dissertação de mestrado, Universidade Salgado de Oliveira].
- Sousa, R. R., & Mota, M. M. P. E. (2023). *Desenvolvendo a consciência morfológica*. BookToy Editora.

- Sousa, R. R., & Mota, M. M. P. E. (2025a). Effects of a morphological awareness intervention on spelling in elementary education. *Trends in Psychology*, 33(1). <https://doi.org/10.1007/s43076-025-00452-0>
- Sousa, R. R., & Mota, M. M. P. E. (2025b). Pesquisa-intervenção em consciência morfológica no Brasil: Mapeamento, caracterização e perspectivas do campo. *Revista Psicopedagogia*, 42(127), 132-142. <https://doi.org/10.51207/2179-4057.20250005>
- Tomlinson, C. A. (2014). *The differentiated classroom: Responding to the needs of all learners* (2nd ed.). ASCD.
- UNESCO. (2020). *Global Education Monitoring Report 2020: Inclusion and Education - All Means All*. UNESCO.



Este é um artigo de acesso aberto distribuído nos termos de licença Creative Commons.

Correspondência

Rafael Rossi de Sousa
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC- Rio)
– Departamento de Pós-graduação em Educação
Rua Marquês de São Vicente, 225 – Gávea – Rio de Janeiro, RJ, Brasil – CEP 22451-900
E-mail: rafaelrossidesousa@hotmail.com